

ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO: A MATERIALIZAÇÃO DESSE PROCESSO EM ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO DE TUBARÃO-SC¹

Julia da Silva Gonçalves²

Maria Sirlene Pereira Schlickmann³

Resumo: Este artigo tem a intenção de compreender de que maneira a alfabetização, que deve ocorrer nos dois primeiros anos do ensino fundamental, segundo a BNCC, está acontecendo nas escolas públicas do município de Tubarão-SC. Assim, a indagação que fazemos é se o processo de alfabetização está ocorrendo concomitantemente ao letramento. Há diversos métodos de alfabetização e várias maneiras de trabalhar o letramento com as crianças, sendo assim, esta pesquisa busca identificar quais métodos e metodologias as professoras entrevistadas estão utilizando e se há a sua efetivação na perspectiva do letramento. Justificamos essa pesquisa tendo em vista as observações em escolas da rede pública de Tubarão-SC durante os estágios obrigatórios e o Programa Residência Pedagógica do Curso de Pedagogia, o que nos fez perceber que alfabetizar letrando não é algo tão simples e trouxe a necessidade de conhecer mais sobre como o mesmo se materializa. Para responder as indagações, realizamos uma pesquisa exploratória por meio de investigação bibliográfica e de campo. Os sujeitos da pesquisa foram cinco professoras da rede pública de Tubarão (SC) e que atuam no processo de alfabetização. O instrumento de pesquisa foi um questionário realizado por meio do Google Drive com todas as professoras pesquisadas. De posse dos dados, os mesmos foram analisados à luz do referencial teórico utilizado, cujos principais autores foram: Soares (2004); Mello (2010); Moraes (2012). Em termos de resultado, esses apontam que, de acordo com as professoras alfabetizadoras da rede pública de Tubarão, apesar de alfabetização e letramento constituírem conceitos distintos, eles se complementam no âmbito da prática pedagógica. Ambos são importantes na formação do cidadão que conhece seus direitos e exerce seus deveres, logo, é desejável que os mesmos sigam juntos durante todo o processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. Dessa forma, o papel do professor é ampliar os conhecimentos da criança, de modo que a aprendizagem tenha significado, que ela consiga usar seus conhecimentos fora da sala de aula para se comunicar, expressar-se e interagir por meio de diferentes práticas discursivas.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Práticas alfabetizadoras.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: julia_s1994@yahoo.com.

³ Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Professora do Curso de Pedagogia presencial e virtual. E-mail: maria.schlickmann@unisul.br.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade em que vivemos, a leitura e a escrita são essenciais para o exercício da cidadania, pois os códigos escritos estão por toda parte, o que faz necessário a compreensão de ler e escrever com autonomia e compreensão das práticas discursivas.

Para tanto, o papel do professor alfabetizador é de grande responsabilidade, pois, especialmente nos primeiros dois anos do ensino fundamental, segundo a BNCC, há o chamado ciclo alfabetizador, onde o foco do ensino é o processo de alfabetização e letramento, por isso, cabe ao professor buscar métodos e metodologias que façam sentido para a criança, tendo ela como protagonista do processo ensino-aprendizagem. Conforme cita Mello (2010, p. 332):

O sentido da escrita é produzido de acordo com a maneira como as crianças percebem e vivenciam as situações em que entram em contato com a escrita e esse sentido orientará sua relação com a escrita e o conjunto de tarefas escolares que envolvem o exercício da linguagem escrita.

Como podemos perceber, o contato da criança com a escrita irá influenciar na relação que ela terá com a linguagem escrita ao longo da vida, por esse motivo, faz-se necessário que a professora conheça sua turma e cada criança com suas especificidades, suas fragilidades e potencialidades, buscando fazer um planejamento que considere os interesses delas, faça-as refletir, despertando a curiosidade e compreendendo a importância de aprender.

Nesse sentido a área das linguagens da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem por finalidade

Possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil. (BRASIL, 2018, p. 61).

É função da professora planejar situações que sejam significativas e que a criança possa expressar-se por meio da linguagem, como um instrumento cultural e que utilize os conhecimentos no seu dia a dia, afinal, a escola deve preparar a criança para a vida, não apenas para passar de ano. As crianças são a geração do futuro e, para que os futuros cidadãos adultos e responsáveis pelas decisões mais importantes saibam exercer sua cidadania, sejam pessoas com autonomia em um mundo letrado, é preciso que saibam ler, escrever e usar essas habilidades socialmente.

Ao longo dos estudos no Curso de Pedagogia, dos estágios obrigatórios e do Programa Residência Pedagógica, desenvolvemos reflexões sobre a importância da alfabetização e do

letramento, assim como sobre a responsabilidade do professor das séries iniciais, que deve sempre buscar causar o interesse e o encantamento pelo aprendizado da leitura e escrita nas crianças. Foi, então, que começamos a nos indagar sobre como esse momento é crucial para o desenvolvimento desses sujeitos. Nesse sentido, saber como ocorre esse processo no contexto da sala de aula e como as crianças estão reagindo/aprendendo, qual a opinião dos protagonistas da ação docente no ciclo alfabetizador acerca dos métodos e metodologias que utilizam diariamente, tornou-se meta de estudos. Neste trabalho, então, buscamos compreender como se materializa o processo de alfabetização e letramento no âmbito da prática pedagógica, na escola.

Sabedores de que historicamente diferentes métodos de alfabetização fazem parte da prática pedagógica (MORTATTI, 2012) e que muitos professores utilizam-se de diferentes maneiras de trabalhar o processo de alfabetização e letramento, mas que esses, também, possuem como proposta orientadora de currículo (SANTA CATARINA, 2014, 2019; BNCC, 2017) abordagens que orientam o planejamento e a prática pedagógica na perspectiva da alfabetização e do letramento, fica a seguinte inquietação: o processo de alfabetização nas escolas públicas está acontecendo de acordo com a orientação dessas propostas, numa perspectiva indissociável entre alfabetização e letramento? Para responder esta questão que me⁴ inquietou ao longo dos estágios obrigatórios nos anos iniciais e observações durante o Programa Residência Pedagógica, buscamos conhecer sobre esse processo em turmas do 1º e 2º ano do ensino fundamental em escolas públicas da rede municipal e estadual, entrevistando as professoras a respeito dos métodos que acreditam ser de maior eficácia no processo de alfabetização e letramento.

A pesquisa teve como tema a “Alfabetização na perspectiva do letramento: a efetivação do processo em escolas públicas da região de Tubarão (SC).”

O objetivo geral da pesquisa foi compreender de que maneira as crianças estão sendo alfabetizadas na perspectiva do letramento, nas escolas públicas do município de Tubarão (SC) e região. Os objetivos específicos foram: identificar as metodologias utilizadas nas redes públicas de ensino para alfabetizar, concomitantemente, ao letramento; analisar as experiências da sala de aula percebidas no olhar das professoras alfabetizadoras, procurando traduzir o sentido que os exercícios realizados trazem às crianças e conhecer quais metodologias essas professoras utilizam que contribuem para que as crianças se apropriem do conhecimento com maior autonomia, interesse e significado.

⁴ Utilizaremos a primeira pessoa do singular quando se tratar de dados vivenciados apenas pela pesquisadora.

Para responder a esses objetivos, realizamos pesquisa exploratória, por meio de investigação bibliográfica e de campo. Considerando que as escolas estão com aulas suspensas em função da pandemia, fizemos uma adaptação na metodologia da pesquisa de campo. Assim, em um primeiro momento, realizamos contato com professoras alfabetizadoras da rede pública, explicando o objetivo da investigação e convidando-as a participar da pesquisa, respondendo um questionário que seria enviado pela ferramenta do *Google Drive*. De posse do aceite das professoras, solicitamos o e-mail de todas, organizamos o questionário (Anexo 1) e enviamos para as participantes da pesquisa. Aceitaram participar da pesquisa sete professoras, dessas apenas cinco responderam o questionário, que tinha como foco relatar de modo descritivo momentos do cotidiano da turma e que refletissem a metodologia com as quais trabalham e acreditam ter maior eficácia no processo de alfabetização. Para preservar a identidade das escolas e professoras, as mesmas não serão identificadas.

Sobre o perfil dos sujeitos da pesquisa, uma das professoras que aceitou gentilmente participar desta pesquisa foi estudante do curso, agora já formada, com quem tivemos contato durante as aulas. Outras duas conhecemos durante o Programa Residência Pedagógica e outras foram indicações de pessoas conhecidas, que nos colocaram em contato por meio de redes sociais. Todas são pedagogas e já atuaram em turmas de alfabetização. A professora 1 atua em uma escola estadual de Tubarão, é formada há 9 anos e há 5 anos trabalha no ensino fundamental. A professora 2 trabalha em uma escola estadual, também de Tubarão e, atualmente, atua no 3º ano, trabalha há 22 anos com educação. A professora 3 leciona em uma escola do município de Capivari de Baixo e atua há 15 anos, principalmente em classes de alfabetização. A professora 4 se formou há 19 anos, durante 8 anos se dedicou à educação especial e há 6 anos trabalha em classes de alfabetização em uma escola estadual de Tubarão. A professora 5 está em seu segundo ano de docência, formou-se há um ano e meio aproximadamente e atua em escolas estaduais de Tubarão.

De posse das respostas/do retorno das professoras, os dados foram identificados como professora 1, professora 2 e, assim, sucessivamente. Desse modo, organizamos os dados em documento word para serem utilizados como citações ao longo do desenvolvimento deste estudo. O instrumento de pesquisa, como já dito, foi o questionário. Os dados empíricos foram analisados à luz do referencial teórico que deu sustentação para este estudo. Para análise dos dados empíricos, contribuíram autores como Magda Soares (2004), Artur Gomes Morais (2012), Leonor Scliar-Cabral (2003), entre outros.

Em termos de estrutura, neste artigo, num primeiro momento, apresentamos a introdução e a metodologia. Na sequência, discorreremos sobre o conceito de alfabetização e

letramento e sobre conceitos e implicações na prática pedagógica. Em seguida, desenvolvemos o capítulo de análise dos dados da pesquisa. Por fim, apresentamos as considerações finais.

2 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEITOS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A alfabetização e o letramento são dois conceitos indissociáveis e que se complementam para a formação do cidadão preparando para a vida em um mundo letrado. Ao aprender a escrever, a pessoa pode fazer uso dessa habilidade para se expressar e compreender aquilo que lê, obtendo, então, maiores conhecimentos sobre diversos assuntos que sejam de seu interesse. Torna-se, assim, mais preparado para exercer algumas funções de trabalho com a qual se identifique, informa-se melhor a respeito de situações que acontecem na sociedade e, dessa forma, possui mais elementos e fatos ao seu entendimento para refletir e tomar suas decisões, formar seus valores, defender seus posicionamentos.

Enquanto o termo “alfabetizado” significa aprender a ler e a escrever, codificar e decodificar as palavras, o termo “letrado” compreende o uso social da leitura e da escrita, ou seja, entender o porquê ler e escrever, refletir criticamente sobre o que lê e escrever com fundamento e significado.

O termo letramento surgiu em diversos países do mundo, praticamente ao mesmo tempo, todos sentiram necessidade de dar nome àquilo que não era alfabetização, que era algo além de saber ler e escrever, que era ter domínio da leitura e da escrita em práticas sociais. Conforme Soares (2004a, p. 7):

O domínio precário de competências de leitura e de escrita necessárias para a participação em práticas sociais letradas e as dificuldades no processo de aprendizagem do sistema de escrita, ou da tecnologia da escrita – são tratados de forma independente, o que revela o reconhecimento de suas especificidades e uma relação de não causalidade entre eles.

O que estudiosos de países como Estados Unidos e França perceberam foi que a dificuldade de aprender a ler e a escrever era um problema diferente, já que jovens e adultos alfabetizados não conseguiam usar corretamente a leitura e a escrita na sua vida social. No Brasil, esses conceitos ainda se mesclam, pois se acredita que o problema do letramento já se dá porque o processo de aprendizagem da leitura e da escrita é falho. O fato é que são conceitos diferentes e, como cita Soares (2004a, p. 8), “Embora a relação entre alfabetização e letramento seja inegável, além de necessária e até mesmo imperiosa, ela, ainda que focalize diferenças,

acaba por diluir a especificidade de cada um dos dois fenômenos”. Daí a importância de ter ambos os conceitos bem compreendidos pelos profissionais da educação.

Segundo Morais (2012), quando chegaram novas perspectivas teóricas no Brasil, houve uma reflexão sobre os velhos métodos de alfabetização, o que levou muitos educadores a negar o uso de tais métodos, mas também a utilizar uma alfabetização sem metodologia, onde as atividades não eram intencionalmente elaboradas para ensinar a escrita alfabética.

Apenas o convívio com a cultura escrita, nas práticas sociais da criança, não é o bastante para alfabetizá-la, é preciso compreender que o processo de aquisição do sistema convencional é imprescindível durante os anos iniciais do ensino fundamental, porém todo esse processo deve ocorrer juntamente com os diversos gêneros discursivos, trabalhando a oralidade, a leitura, a produção textual e a análise linguística, de modo a sempre proporcionar oportunidade de reflexão à criança, de escrita espontânea, de compartilhamento de saberes e estar incluída nessa cultura escrita como autora, usando autonomia e criatividade. De acordo com Soares (2004a, p. 11),

O que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele.

Quando a criança está em processo de aquisição da leitura e da escrita, ela vai precisar entrar em contato com textos que sejam sobre assuntos dos quais ela já tenha um conhecimento prévio, algo que tenha a ver com a realidade da criança. Para Cabral (2003, p. 37), “Só somos capazes de entender um texto, mesmo que bem alfabetizados, quando tivermos algum conhecimento prévio sobre o assunto (ou seja, um esquema), que se mede pela rede estruturada de sentidos que a ele se referem.” Sendo assim, textos cuja única intenção é fixar o fonema de determinada letra, não auxiliam muito no processo de alfabetização.

Sabemos que cada criança tem seu tempo para aprender a ler e a escrever. Em toda sala de aula, há uma heterogeneidade que deve ser respeitada pelo professor, porém todos devem ser instigados a aprender e a ser protagonistas desse aprendizado, compartilhando suas experiências e vivências. Cabe ao professor problematizar questões que tenham significado e desafiem a criança a refletir, pensar, analisar e aprender, para que a aprendizagem da leitura e escrita seja algo que faça sentido para ela.

Nesse sentido, é importante recuperar, também, essa afirmação de Vygotsky: “ensinam-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem

escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito, que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal.” (VYGOTSKY, 1991, p. 119).

O problema é que alfabetização e letramento são processos interdependentes, indissociáveis e precisam andar juntos durante o processo de aquisição da língua escrita, mas por algum motivo, durante a história da educação do país se prioriza um ou outro. Segundo Soares (2004a, p. 14):

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento.

É papel do professor ampliar os conhecimentos da criança de maneira com que a aprendizagem tenha significado, que seja algo que ela use no seu meio social, saiba a importância de aprender e reflita durante o processo de aprendizagem, desenvolvendo sua criticidade. Segundo Zapelini, Schlickmann e Hubbe (2015, p. 11):

Vale lembrar que a língua é um sistema de comunicação a qual se efetiva nas interações sociais. É a partir dessas interações e interlocuções entre os sujeitos de uma determinada comunidade, de um lugar onde ocorrem os discursos entre os sujeitos, que acontece a comunicação, seja pela língua falada, gestual, ou das diferentes práticas de textos escritos.

Por isso, a alfabetização e o letramento precisam andar lado a lado e por meio das práticas sociais de leitura e escrita, voltadas para seu uso. O desenvolvimento do processo de letramento “prepara” o estudante, independente da idade para a vida em sociedade, pois saber usar socialmente a leitura e a escrita

[...] tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, lingüísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, lingüística. (SOARES, 2004b, p. 18).

Do mesmo modo, é necessário que a alfabetização seja contemplada nos anos iniciais do ensino fundamental de maneira sistemática, visto que

A internalização das regras e convenções do alfabeto não é algo que se dá da noite para o dia, nem pela mera acumulação de informações que a escola transmite, prontas,

para o alfabetizando. Numa visão construtivista, não se pode passar da condição de, num dia, não compreender que as letras substituem segmentos que pronunciamos das palavras que falamos para, no dia seguinte, tratar as letras como “substitutas dos fonemas”. (MORAIS, 2012, p. 48).

É preciso compreender que a alfabetização é um processo complexo, que demanda esforço e empenho por parte dos professores e dos estudantes. Igualmente, que se complementa com o letramento na constituição do sujeito. O conhecimento se amplia em proporções inimagináveis a partir do momento em que se começa a conviver com a leitura e com a escrita. O exercício da cidadania será tão melhor exercido quanto por cidadãos que estejam alfabetizados e letrados, dessa forma, toda uma geração e as decisões por ela tomadas irá depender da porcentagem de pessoas letradas, capazes de ler, pesquisar, analisar, discutir e refletir, não somente acreditar naquilo que a televisão ou a internet divulgam.

Dito isso, passamos, na sequência, a refletir sobre o modo como o processo de alfabetização e letramento está sendo implementado na prática pedagógica/na práxis para compreender melhor como esses conceitos funcionam no processo de alfabetização, como tem se materializado em salas de aulas de escolas públicas da região do município de Tubarão (SC).

3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PRÁXIS: TECENDO EXPERIÊNCIAS

O começo de um ano letivo é algo sempre um tanto desafiador para professores e estudantes e os primeiros encontros ocorrem para que todos se conheçam. Assim, também é o início do processo de alfabetização e letramento quando a professora apresenta a leitura e a escrita para as crianças, pois

Desde muito cedo, as crianças estão em contato com os falares de suas comunidades, bem como em contato com textos escritos. No espaço educativo, é necessário desenvolver, de forma sistematizada, as quatro habilidades linguísticas básicas: falar e ouvir, ler e escrever. (ZAPELINI; SCHLICKMANN; HUBBE, 2015, p. 82).

Nesse sentido, buscamos saber como esse processo ocorre no início do processo de alfabetização. Quando questionadas a respeito da maneira com que fazem a introdução da escrita e da leitura no início do ano letivo, a professora 1 respondeu:

No início do ano apresento a **leitura** e a **escrita**, diariamente, com contação de histórias e registro posterior, trabalho com música, textos montados a partir de músicas com eles, montagem de cartazes aliadas a história contada, como por exemplo, Jumbo e seus amigos, palavra elefante em destaque, vogal E destacada, pintura coletiva de cartaz do animal, localização e recorte de vogais E em revistas.

A professora 2 deu a seguinte resposta: “Geralmente apresento escrita e leitura em contações de história e atividades escritas.” A professora 3 informou que “Ao iniciar o ano letivo, dependendo da turma que vou lecionar, faço sempre um diagnóstico, se for um 1º ou 2º ano, faço leitura de imagens, ditado de palavras se for o 2º ano.” Segundo a professora 4, “Foram apresentadas através de contação de histórias, murais com calendário, chamadinha, cartaz com os horários e rotina, números e quantidades... e outros.” A professora 5 deu o seguinte relato:

Essa apresentação foi feita na semana de acolhimento e posteriormente com a proposta de uma sequência didática. Um dia antes do início das aulas pré-organizei nosso espaço, e incluí na sala um cantinho da leitura, com livros que uma pedagoga da escola selecionou de acordo com a faixa etária das crianças. Em nossos primeiros dias de aula estabeleci uma rotina de contar histórias que as crianças escolhiam nesse cantinho da leitura. Nesses momentos também pude sentar com eles e iniciar uma sondagem sobre as fases da apropriação da escrita em que cada um encontrava-se, registrando minhas primeiras impressões. Percebi que muitas crianças já realizavam a leitura com fluência. Nesses dias também recebi muitas cartinhas da turma, o que me fez despertar para trabalhar com o gênero textual carta pessoal. Depois da semana de acolhimento, iniciei uma das minhas aulas dizendo que como eles haviam escolhido histórias para ler e ouvir na semana anterior, eu havia escolhido uma história para contar também. Com o data show, contei a história "O carteiro chegou", de Allan Ahlberg. Escolhi a história para iniciar o trabalho com o gênero textual carta; além disso os personagens que aparecem na história são conhecidos pelas crianças, pois tratam-se de personagens tradicionais dos contos infantis. Contei a história e conversamos sobre ela. Depois fui conduzindo-os a perceber as semelhanças entre as cartas quanto a estrutura (o que havia no início, a saudação, a despedida...). Também fizemos, em aulas posteriores, a leitura e comparação de diversas cartas que elaborei e levei. Muitas vezes eu elaborava a carta nas quais os remetentes e destinatários eram pessoas conhecidas deles (o diretor e os professores, por exemplo), o que despertava o interesse deles. Depois de aulas de estudos e conversas, as crianças brincaram de amigo secreto e escreveram uma carta para esse amigo. Nessa proposta, conduzidas por mim, as crianças criaram um selo para brincarem de comprar com algumas notinhas de dinheiro de brinquedo, endereçaram a carta (utilizamos o endereço deles e o da escola), preencheram os nomes dos remetentes e destinatários. Foi um momento muito gostoso, pois eles vivenciaram tudo aquilo que havíamos discutido e aprendido. As cartas foram postadas em uma caixa de correios que levei para a escola. No outro dia, cheguei vestida de carteiro e fiz a entrega das cartas. Cada um leu a sua individualmente e depois pôde optar por mostrar ou não a carta para os colegas.

Conforme podemos observar por meio das respostas, as professoras entrevistadas relataram utilizar contação de histórias para despertar o interesse de suas turmas. As histórias são maneiras lúdicas de envolver as crianças em práticas de uso da linguagem escrita. Sabemos que “a escola como um todo e cada sala de aula em particular precisa criar espaço para a fruição literária que de forma sutil envolve as crianças com a estética do texto, quando o livro/texto

possui qualidade literária.” (SCHLICKMANN; SCHAFASCHEK, 2015, p. 45). Sendo assim, criar um espaço específico para a leitura na sala de aula auxilia a despertar o interesse, o gosto e a ligação da criança com a leitura e a escrita já que “a literatura pode provocar emoções, dessa forma, o sentido é dado pelo leitor ou ouvinte da história a partir de sua identificação com a narrativa, com personagens, com a mobilização de suas preferências ou rejeições, pois, ela nos reflete e nos faz refletir.” (SCHLICKMANN; SCHAFASCHEK, 2015, p. 45).

Nessa perspectiva, a professora 5 assim se manifesta:

Um dia antes do início das aulas pré-organizei nosso espaço, e incluí na sala um cantinho da leitura, com livros que uma pedagoga da escola selecionou de acordo com a faixa etária das crianças. Em nossos primeiros dias de aula estabeleci uma rotina de contar histórias que as crianças escolhiam nesse cantinho da leitura. Nesses momentos também pude sentar com eles e iniciar uma sondagem sobre as fases da apropriação da escrita em que cada um encontrava-se, registrando minhas primeiras impressões.

Podemos perceber que o cuidado com o espaço e com a apresentação da leitura e da escrita de maneira cativante, faz com que as crianças tenham uma boa relação com as práticas de leitura e escrita, assim como permite que a professora possa identificar o nível do processo de construção da escrita em que os estudantes se encontram e conhecer os saberes que trazem consigo em relação a esse tema. A investigação sobre as fases de apropriação da escrita deve ser feita constantemente, como enfatiza Moraes (2012). É preciso monitorar o que cada estudante está alcançando, seus progressos e identificar onde o professor precisa intervir para que construa os conhecimentos ainda não consolidados desde o início do ciclo alfabetizador.

Além da contação de histórias, a professora 3 disse que costuma iniciar o ano com leitura de imagens, a 1 utiliza a criação de cartazes com base nas histórias ou músicas trabalhadas e, nas aulas da professora 4, são utilizados cartazes com a chamada, a rotina, calendário e combinados sobre regras, mostrando o quanto a escrita é importante na comunicação do dia a dia.

Ao entrar na Escola, a criança, ao deparar-se com os diversos símbolos, com a combinação entre eles para compor diferentes sentidos e significados, vai sentir-se motivada à apropriação da leitura e da escrita. Nesse sentido, deve fazer parte do planejamento pedagógico a compreensão da necessidade de aprendizagem do código escrito com o objetivo maior não só da alfabetização por si só, mas da alfabetização para o exercício pleno de cidadania, iniciado ainda nos primeiros anos da escolarização do Ensino Fundamental. (SANTA CATARINA, 2019, p. 148).

Isso nos mostra que ao proporcionar o contato da criança com a escrita e seu uso, a professora está despertando interesse no aprendizado, além de estar relacionando a temática ao seu uso prático, a realidade rotineira da criança.

O letramento, segundo Magda Soares (2004b, p. 18) “é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.” Ou seja, uma circunstância do indivíduo que aprendeu a ler e escrever. A partir do momento em que o sujeito se torna letrado, sua condição de vida muda, porque aprende a utilizar uma importante ferramenta para a socialização, já que a leitura e a escrita fazem parte da cultura da sociedade, assim como está escrito no documento da Proposta Curricular de Santa Catarina:

Em se tratando da modalidade escrita especificamente, nas discussões sobre *vida, cultura e história*, importa mencionar a *cultura escrita*, compreendida como o modo de organização social que tem a escrita como fundamento, que envolve formas de comportamento, valorações e saberes construídos pela humanidade e presentes na forma como os sujeitos se inter-relacionam em seu tempo e para além dele por meio dessa mesma escrita. E, contido no conceito de *cultura escrita*, está o conceito de *letramento*, entendido como o conjunto de usos da escrita que caracteriza os diferentes grupos culturais, nas diferentes esferas da atividade humana. (SANTA CATARINA, 2014, p. 107).

Percebemos, então, que o letramento está enraizado na cultura e nas diferentes ações rotineiras da sociedade, nas diferentes esferas da atividade humana, daí um motivo para dar muita atenção ao seu processo de aprendizagem já no início do ciclo alfabetizador e, para que isso aconteça com êxito, as professoras que atuam neste ciclo precisam ter conhecimento a respeito do que é o letramento e de sua importância.

Quando perguntadas sobre o conceito de letramento, a professora 1 disse:

O letramento de forma simples, é que a criança deve entender que a leitura e a escrita fazem parte da vida cotidiana dela, estão em todas as partes e possuem função dentro da sociedade, como o cardápio do dia, as letras que compõem a história, o que está escrito no microondas, na receita de bolo. A escrita tem uma utilidade na sociedade, portanto tem sentido aprendê-la. É um meio de comunicar-se e também entender o mundo.

A resposta da professora 2 foi que: “Letramento é o uso eficiente da leitura e escrita nas práticas sociais.” Já a professora 3 respondeu que entende por letramento “Quando a criança lê, escreve e compreende o que está sendo lido e escrito, dialoga sobre o que lhe é questionado entendendo o que está falando ou escrevendo.” A resposta da professora 4 foi que “Letramento é quando a criança se familiariza com a escrita e a leitura, possuindo uma

maior experiência para desenvolver as práticas do seu uso nos mais diversos contextos sociais.” Feita a mesma pergunta para a professora 5, ela falou:

Compreendo por letramento propor situações em que a escrita tenha um significado, que não seja apenas um treino no qual a criança está apenas se preparando para um dia exercer a função social dessa linguagem. Por isso acredito que ele está entrelaçado na alfabetização e deve acontecer simultaneamente à ela.

As professoras entrevistadas mostraram conhecer a definição de letramento ao citar que é “o uso eficiente da leitura e da escrita nas práticas sociais”, assim como disse a professora 2, além do que, compreendem por letrada a criança que entende aquilo que lê e escreve e consegue desenvolver as práticas de leitura e escrita em diversos contextos sociais. Segundo a professora 5, o letramento está relacionado a situações em que a escrita traga significado, que a função social já faça sentido durante o processo de aprendizagem, que não seja apenas um treino para um dia, no futuro, utilizar socialmente; deve estar atrelada ao processo de alfabetização durante todo o ciclo alfabetizador. Essa ideia é também corroborada pela fala da professora 1, quando a mesma diz:

O letramento, de forma simples, é que a criança deve entender que a leitura e a escrita fazem parte da vida cotidiana dela, estão em todas as partes e possuem função dentro da sociedade, como o cardápio do dia, as letras que compõem a história, o que está escrito no microondas, na receita de bolo. A escrita tem uma utilidade na sociedade, portanto tem sentido aprendê-la. É um meio de comunicar-se e também entender o mundo.

Percebemos, portanto, que as professoras 1 e 5 entendem por letramento ensinar a ler e escrever como prática social, relacionando o aprendizado de ler e escrever às situações em que a criança vai usar essas habilidades cotidianamente. De acordo com Soares (2004b, p. 80), “o conceito de letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais a práticas sociais e competências funcionais e, ainda, a valores ideológicos e metas políticas.” Ou seja, é um conjunto de fatores que prepara o sujeito por inteiro, seus conhecimentos pessoais, a função que vai exercer na sociedade, seu papel como cidadão, suas ideologias, até mesmo gostos pessoais por leitura, tudo está atrelado ao letramento e a escola deve aproximar esse conceito à realidade da criança. “O que se aprende na escola tem que ter eco na vida da criança.” (ZAPELINI; SCHLICKMANN; HUBBE, 2015, p. 82). Isso também é reiterado na Proposta Curricular de Santa Catarina quando sugere que “para o domínio da cultura escrita, o trabalho a ser desenvolvido deve pautar-se nas diferentes experiências interativas/trocas entre crianças e professores e crianças com o meio e nos

diferentes gêneros discursivos.” (SANTA CATARINA, 2019, p. 149). Podemos, então, perceber que é um processo que exige um trabalho árduo, com muito planejamento, propiciando com que a criança possa ter contato com diferentes gêneros discursivos.

Nesse sentido, a alfabetização “(...) pode ser compreendida como um processo de apropriação do sistema de escrita, que envolve o domínio do sistema alfabético-ortográfico” (SANTA CATARINA, 2019, p. 149), isto é, algo mais sistemático que o letramento, porém não menos importante, já que o sistema alfabético-ortográfico tem suas diversas regras e convenções, os quais precisam fazer sentido para a criança, de modo a ser internalizado. Para que isto aconteça, é preciso um planejamento que contemple os conhecimentos, trazendo assuntos do interesse e da realidade da criança.

A escrita alfabética não é um mero código de transcrição da fala, como ainda concebem alguns. Ela é um objeto de conhecimento em si, um sistema notacional, e seu aprendizado requer que o estudante foque palavras e partes das palavras. Sendo mais explícitos: para compreender o alfabeto e aprender suas convenções, o principiante precisa “partir” o signo linguístico, esquecer, provisoriamente, o significado e focar, de forma muito especial, o significante (oral e escrito). (MORAIS, 2012, p. 123).

Conforme cita o autor, a escrita é mais do que transcrever a fala para um papel, há todo um sistema com regras que necessita ser compreendido, e, desde o início do ano letivo, o professor alfabetizador deve cuidar para que a alfabetização esteja contemplada em seu planejamento e deve conhecer o conceito de alfabetização.

Objetivando compreender como esses conceitos se materializam no âmbito da prática pedagógica, questionamos o que os sujeitos investigados compreendem por alfabetização. A professora 1 informou que “A alfabetização para mim é a decodificação do código. A língua é uma sequência de códigos construídos socialmente e necessita ser aprendida e internalizada para que a leitura aconteça. Mas não deve haver alfabetização sem o letramento, eles precisam andar juntos.” As professoras 2 e 4 foram mais sucintas, suas respostas foram respectivamente “A alfabetização é processo de aprendizagem da leitura e escrita.” e “Alfabetização é o processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever.” A resposta da professora 3 foi que “*Alfabetização é o domínio da escrita, dos sons, diferenciar letra e número, relaciona-las com o cotidiano.*” A professora 5 relatou que

No meu entendimento, alfabetização é a apropriação da linguagem escrita, mas vai além de um conhecimento mecânico. A criança precisa sim apropriar-se do código escrito, da escrita alfabético-ortográfica, das convenções de escrita da nossa língua, mas essa apropriação, como mencionei, precisa estar entrelaçada com o letramento, com situações de uso social da escrita.

Como podemos perceber, as respostas das professoras indicam que as mesmas entendem a alfabetização como sendo um processo de aprendizagem do sistema da escrita e da leitura, a decodificação dos códigos e que a internalização desse conhecimento juntamente com o letramento prepara a criança para as atividades sociais que enfrentará. Cada letra do alfabeto representa um som e, juntas, vão formar sílabas que posteriormente formarão palavras. Não basta dominar a escrita alfabética, usar os signos para representar os sons, a nossa ortografia está repleta de regras que devem ser internalizadas pelo sujeito alfabetizado. Vimos no relato da professora 5 que a alfabetização vai além de um sistema mecânico, mesmo reconhecendo a necessidade de a criança apropriar-se das convenções da escrita alfabético-ortográfica e que todo o processo de aprendizagem deveria estar atrelado ao letramento. Logo a alfabetização e o letramento precisam andar juntos durante o processo de ensino-aprendizagem. Morais (2012) enfatiza que para compreender o alfabeto e poder usá-lo, a criança que está aprendendo necessita ter em mente as respostas para duas questões importantes: o que as letras representam e como criam representações. Além disso, deve conhecer as convenções utilizadas para a escrita, porém é preciso que entenda o motivo pelo qual deve aprender, em que situações este conhecimento terá utilidade em sua vida, o sentido de ler e escrever deve estar sempre claro.

Deixar de ensinar a norma ortográfica é, no mínimo, ingênuo, pois o aluno não aprende apenas a ler e escrever no contexto escolar: fora da sala de aula, está cercado por vários textos e estes estão escritos levando em consideração a norma vigente. O professor que acredita no ensino espontâneo do sistema escrito a fim de não tolher seu aluno na produção dos textos, irá evitar que isso aconteça apenas no espaço da escola: fora dali há uma exigência outra que vem da própria sociedade, na qual a correção nas mensagens escritas é fundamental para a aceitabilidade dos textos em inúmeras situações. (CABRAL, 2003, p. 13).

Conforme a autora enfatiza, ensinar a escrita correta é uma necessidade social, uma maneira de contribuir para o futuro da criança, pois estar alfabetizado e letrado muda a vida de uma pessoa e, por consequência, muda a realidade de uma sociedade, afinal “a linguagem vincula-se à imaginação, à criação, ao diálogo, à expressão de saberes, afetos, valores; constitui a consciência e organiza a conduta: nela e através dela são assimilados conceitos e preconceitos.” (KRAMER; NUNES; CORSINO, 2011, p. 75). E a linguagem escrita é uma das mais utilizadas na sociedade atual.

Um dos passos para se alfabetizar é compreender a relação grafema-fonema, o que pode ser complexo devido ao fato de que há 26 letras no alfabeto, reproduzindo vários fonemas distintos, algumas palavras, inclusive, fogem às regras comuns. Para dominar tantos conteúdos,

é preciso paciência, compreensão e o desenvolvimento de atividades de modo que os aprendizes possam praticar para que a apropriação do sistema de escrita alfabética ocorra de maneira prazerosa para as crianças e que essas possam ir, gradativamente, automatizando a grafia e os fonemas, assim como seus diferentes modos de se articular e significar nas produções textuais.

No sentido de compreender como as professoras trabalham com essa questão, foi realizada a indagação sobre o modo como elas trabalham a relação grafema-fonema com as crianças. A professora 1 deu o seguinte relato: “Sou apaixonada por música. Possuo clavas na minha sala, forneço para as crianças e aprendemos com o ritmo. Uso muito a música 'pica-pau' onde as palavras são picadas com as clavas, ou seja, silabadas, para compreensão das partes dentro do todo.” A professora 2 prefere usar jogos e brincadeiras a outros recursos:

Quando dava aulas para o primeiro ano usava um jogo de figuras da boca em formato do som que é feito, da letra e da figura com o som inicial. A criança imitava a figura pronunciando o som, achava a letra para encaixar e a figura da palavra com o som inicial. Outra maneira era a brincadeira da pronuncia onde a professora faz o som do fonema e a criança adivinha qual é a letra escrevendo no quadro.

A professora 3 argumentou:

Através do som das letras e do som da junção destas. Apresento a letra, o desenho da letra e após o som dela demonstrando com os lábios. Apresento os 4 tipos de letras, tanto o scripte, quanto a cursiva. É muito importante que desde o 1º ano a criança saiba que há 4 tipos de cada letra. Letra B - som bbb - som - b a = BA.

A professora 4 inicia trabalhando com os nomes das crianças: “Trabalho com meus alunos no início do ano com a relação dos nomes da turma...identificando e classificando por som das letras e o som referente das letras do alfabeto. Exemplo: classificando pelo som das sílabas: Daniel e Davi- Marceli e Maria.”

A professora 5 relatou uma experiência que realizou:

Trabalho muito com a consciência fonológica. Explico, de um modo bem simples, que a escrita é uma representação da nossa fala, e que em várias situações precisaremos utiliza-la. Conto que as letras tem sons que nos ajudam a representar as palavras, e apresento as vogais. Como trabalho em um terceiro ano, esse processo tem que auxiliar crianças que estão em diferentes fases da escrita. Costumo contar uma história e lançar um desafio a eles. Por exemplo, em uma das minhas turmas, contei a história da Dona Baratinha, adaptada por mim. Fiz um desafio antes, de que eles identificassem na história palavras iniciadas com a letra B, e cada vez que eu falasse essas palavras, eles batessem uma palma. Ao final da história, fizemos uma lista das palavras que eles identificaram, e observamos juntos os sons iniciais de cada uma delas: barata, besouro, bolo, bicicleta, bule (não necessariamente nessa ordem). Assim identificamos que som a letra B forma quando está junto de cada vogal. Montei um cartaz de leitura com essas palavras, com o som inicial destacado. Antes de irmos para o recreio, todos liam as palavras.

Assim eles não só apropriavam-se das sílabas iniciadas por B, mas aos poucos também aprendiam outras sílabas, como as formadas pela letra L (das palavras bolo, bule). Em muitas situações, quando vou escrever uma palavra no quadro, pergunto como se escreve e repito a palavra pausadamente, questionando que letras utilizar para representar os sons das palavras. Vou escrevendo de acordo com o que eles me dizem, mesmo que esteja errado. Depois, peço para que eles leiam a palavra, assim eles mesmos percebem onde erraram até chegarmos à escrita correta.

Como foi possível perceber, cada uma trabalha de um jeito diferente. As respostas foram bem distintas. Na resposta da professora 2, vemos que ela trabalha estes conceitos por meio de jogos lúdicos. Ela fala a palavra e alguma criança vai ao quadro tentar escrever, ou quando a professora apresenta figuras que demonstram o movimento que a boca faz para falar cada fonema e a criança tem que relacionar a figura às letras correspondentes. Vale salientar que todas as estratégias utilizadas pelas professoras são muito valiosas. Como dissemos no início deste estudo, aprender a ler e escrever é algo muito complexo e demanda um planejamento intencional e que contemple diferentes estratégias metodológicas e de vivência com as práticas sociais de leitura e escrita.

Nesse sentido, vale reiterar, também, que os jogos são muito importantes para um aprender significativo, onde a criança reflete e brinca, busca acertar com a intenção de ganhar a brincadeira. Além disso, a professora 1 faz uso de músicas para que as crianças aprendam com o ritmo, cantando e sendo acompanhadas pelo instrumento musical clava, silabam as palavras e vão compreendendo as palavras das partes para o todo de uma maneira divertida.

As escolas ao oportunizarem o contato da criança com as diferentes materialidades – literatura, brinquedos, poemas, músicas, painéis, exposição de produções, jogos, entre outros –, também possibilitam que a criança compreenda a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico. (ZAPELINI; SCHLICKMANN; HUBBE, 2015, p. 51).

Ainda segundo as autoras, ao proporcionar contato com os gêneros textuais por meio de jogos e brincadeiras, a criança interpreta e manifesta sentido para essas materialidades. Mesmo que de uma maneira ainda espontânea, ela vai atribuindo sentido para os conceitos, conforme vai interagindo com as materialidades e com o grupo.

A professora 4 informou que gosta de usar os nomes das crianças para que elas relacionem o fonema ao grafema, comparando entre elas quem tem o nome que começa com o som parecido. Dessa maneira, a professora associa algo que faz parte do cotidiano da turma, já que escutam o nome de todos na chamada por ordem alfabética e, também, utilizam os nomes de seus colegas nas conversas, com o conceito trabalhado.

Deixar que a criança faça uma análise a respeito da relação que tem entre o som e a escrita é muito relevante para seu processo de aprendizagem, pois refletem e desenvolvem hipóteses a partir do que vêm observando, construindo, dessa maneira, seu conhecimento.

Se a ideia é que a criança venha a ser um cidadão consciente e inteirado dos direitos e deveres, devemos desde o início do processo educativo dar-lhe condições de ser autônoma, levando-a a questionar e a buscar respostas, em lugar de oferecer respostas prontas. Assim, é fundamental que ela se desenvolva num ambiente de liberdade para interagir com os outros e com os objetos de conhecimento, e também que possa comparar pontos de vista, questionar, tomar decisões, errar e aprender com seus erros. (OÑATIVIA, 2009, p. 27).

A professora 5 narra uma das maneiras que buscou, por meio da literatura, proporcionar a compreensão da turma acerca da relação grafema-fonema.

Em uma das minhas turmas, contei a história da Dona Baratinha, adaptada por mim. Fiz um desafio antes, de que eles identificassem na história palavras iniciadas com a letra B, e cada vez que eu falasse essas palavras, eles batessem uma palma. Ao final da história, fizemos uma lista das palavras que eles identificaram, e observamos juntos os sons iniciais de cada uma delas: barata, besouro, bolo, bicicleta, bule (não necessariamente nessa ordem). Assim identificamos que som a letra B forma quando está junto de cada vogal. Montei um cartaz de leitura com essas palavras, com o som inicial destacado. Antes de irmos para o recreio, todos liam as palavras. Assim eles não só apropriavam-se das sílabas iniciadas por B, mas aos poucos também aprendiam outras sílabas, como as formadas pela letra L (das palavras bolo, bule). Em muitas situações, quando vou escrever uma palavra no quadro, pergunto como se escreve e repito a palavra pausadamente, questionando que letras utilizar para representar os sons das palavras. Vou escrevendo de acordo com o que eles me dizem, mesmo que esteja errado. Depois, peço para que eles leiam a palavra, assim eles mesmos percebem onde erraram até chegarmos à escrita correta.

Por meio do relato, constatamos que houve nessa prática uma relação entre a história, o conteúdo e palavras que são utilizadas pela criança no seu cotidiano, o que nos remete a essa afirmação de Moraes (2012, p. 53):

As autoras da psicogênese da escrita assumiram que um novo conhecimento sobre o sistema alfabético não surge, simplesmente, do exterior, a partir de informações transmitidas pelo meio (a escola, a professora), mas é fruto da transformação que o próprio aprendiz realiza sobre seus conhecimentos prévios em SEA, ao lado das novas informações com que se defronta e que não se encaixam naqueles conhecimentos prévios. E que, por isso, funcionam como fonte de desafio e conflito.

Para a professora 5, a criança teve a oportunidade de refletir sobre o processo de escrita, errar e poder corrigir-se, o que implica fazer uma análise para reorganizar as suas hipóteses de acordo com o que vai observando/elaborando. Nesse sentido,

A teoria da psicogênese nos ensina que a apropriação do SEA não ocorre da noite para o dia, mas, sim, pressupõe um percurso evolutivo, de reconstrução, no qual a atividade do aprendiz é o que gera, gradualmente, novos conhecimentos rumo à “hipótese alfabética”. (MORAIS, 2012, p. 52).

A criança, dessa forma, vai construindo seu conhecimento através das possibilidades que a professora apresenta, sendo a protagonista de seu aprendizado, pensando, aprendendo por meio da exploração e da análise das alternativas que tem. E, segundo Cabral (2003 p. 34):

Deve ficar bem claro que o reconhecimento das letras e os valores atribuídos aos grafemas para reconhecer a palavra escrita (descodificação) são apenas um passo, embora necessário, no processo da leitura, cujo objetivo é chegar à compreensão e interpretação do texto e conseqüente internalização dos conteúdos para ampliação e aprofundamento do conhecimento.

Dito de outro modo, a relação grafema-fonema é apenas uma parte do processo, o objetivo maior é que a criança consiga escrever com propriedade, ler e saber interpretar, usar a língua escrita para sua comunicação.

Para ensinar a criança a ler e a escrever, as professoras utilizam diferentes métodos e metodologias, até mesmo porque, cada criança tem mais facilidade de aprender de uma maneira, há heterogeneidade em uma turma, então, é necessário conhecer sua turma, respeitando as particularidades de cada um.

Ao serem questionadas sobre **como seus estudantes aprendem a ler e escrever**, a professora 1 respondeu que:

Precisa ser um trabalho sistêmico, constante, e de muita observação para identificar a etapa em que estão da escrita e promover atividades que os levem a avançar para outra fase da escrita. Uso textos, frases, palavras, letras, jogos, brincadeiras, música, depende do dia e do objetivo de aprendizagem, mas o mais importante é estar contextualizado o aprendizado. Não dá pra partir do nada pra lugar nenhum. Por isso uso a contação que é algo que atrai, fascina e motiva o aprendizado.

A professora 2 relatou que esse processo se dá “De várias maneiras, pois cada um tem um jeito de aprender. Já usei métodos diferentes, como o silábico, palavra geradora, associação por som e outros.”

Para a professora 3:

Depende muito da série que eu estiver, se for o 1º ano, inicio com imagens e sons, do 2 em diante faço um diagnóstico para poder iniciar. Se a criança já sabe ler e escrever, inicio com uma história para a leitura e um ditado de palavras simples e depois complexas para a escrita, 4º e 5º ano ditado de frases simples e depois complexas.

Já para a professora 4, elas “Aprendem a ler...lendo juntamente com a professora e seus colegas juntando primeiramente letras e sílabas pequenas e simples, e palavras com significados para eles naquele determinado momento. A escrita vem em conjunto com a leitura.” Segundo a professora 5, “Com as crianças em processo inicial, costumo fazer o processo dos cartazes de leitura, atividades de consciência fonológica, e ainda atividades diferenciadas na sala e para casa.”

De acordo com o que vimos nos relatos das professoras 1 e 3, uma das primeiras etapas do processo desse ensino é fazer um diagnóstico, ver em qual fase da escrita a criança se encontra para poder dar continuidade, fazendo-a descobrir mais coisas. Vimos pelo relato da professora 2, que ela já utilizou método silábico, palavra geradora, associação por som e outros. Os métodos podem ser os mais diversos e podem ser utilizados de forma combinada entre si. Concordamos com Cabral (2003, p. 12) quando menciona:

Não negamos que seja possível aprender a grafia de algumas palavras pela memorização, mas o que realmente preocupa é tornar esse “recurso” o mais usual e quase único. Essa visão sobre o ensino do sistema escrito se restringe a situações meramente escolares, não havendo a preocupação em relacionar a aprendizagem do sistema escrito com o cotidiano da criança, nem tão pouco são levados em consideração os conhecimentos a respeito da língua que o aprendiz traz para a escola: isso preocupa.

O que deve ser levado em conta é que para alfabetizar letrando, para que a criança compreenda e saiba usar o conhecimento, é preciso que o aprendizado faça sentido, que as práticas na aula estejam relacionadas aos momentos em que ela vá fazer uso desse conhecimento na vida.

A escrita espontânea de frases ou textos, por meio de propostas como elaboração de bilhetes, convites, listas ou outros gêneros textuais relacionados ao cotidiano da criança e aos temas trabalhados em sala de aula, não foi mencionada por nenhuma das professoras.

Para que a criança possa elaborar suas hipóteses de escrita, é importante que no planejamento da professora, haja proposições que incentivem a criança a testar seus conhecimentos sobre a escrita sem medo de errar, refletindo e construindo seu conhecimento sobre as correspondências entre grafemas e fonemas. Claro que a professora 5 relatou anteriormente que, ao escrever as palavras no quadro, conforme as crianças ditam, elas mesmas têm a oportunidade de refletir sobre suas hipóteses e se desenvolver quanto aos conhecimentos da escrita, porém acreditamos que a escrita espontânea é algo que deve estar presente durante todo o ciclo alfabetizador, em várias propostas diferentes.

Algumas outras maneiras de ensinar a ler e escrever mencionadas, foram relacionadas à leitura de histórias junto com a professora e leituras coletivas, assim como relataram as professoras 3 e 4, quando citam utilizar leituras de imagens e leituras de textos simples junto com a professora e os colegas. A professora 5 faz cartazes de leitura, busca trabalhar a consciência fonológica por meio de exercícios e atividades diferenciadas, também manda atividades para a criança fazer em casa, consolidando o conhecimento que vai aprendendo na escola.

Observamos no relato da professora 1 que o processo de aprendizagem de ler e escrever precisa ser sistêmico, constante e promover o avanço para a próxima fase da aquisição da escrita, sempre levando em conta a etapa em que a criança está em cada momento. Assim, utilizando textos, brincadeiras e diversas propostas que façam com que a criança se interesse e estejam de acordo para promover o aprendizado de modo significativo, usando suas palavras: “Não dá pra partir do nada pra lugar nenhum. Por isso uso a contação que é algo que atrai, fascina e motiva o aprendizado.”

A professora relatou que faz o diagnóstico sempre, para poder descobrir em qual fase da escrita a criança se encontra e buscar planejar atividades que auxiliem no avanço do conhecimento. Para que a criança se aproprie da leitura e da escrita, são necessárias metodologias diferentes, que sejam sistêmicas, mas também prazerosas, que a criança aprenda com algo que goste, assim como discorre Mello (2010, p. 332):

Desse ponto de vista, somos levados a pensar que, se até esse momento, a criança tiver vivenciado situações em que a escrita é utilizada em sua função social para escrever histórias, bilhetes ou registrar experiências vividas, ela aprenderá a pensar a escrita em sua função social, como instrumento cultural para escrever histórias, bilhetes, registros dos fatos vividos, enfim, como um instrumento de expressão. Muito possivelmente, terá uma relação interessada e curiosa em relação ao texto escrito e iniciativa em relação ao texto por ser escrito. Por outro lado, se as experiências vividas com a escrita tiverem ensinado a criança a pensar que escrita é algo que se faz para atender uma instrução da professora ou do professor, suas relações futuras com a escrita serão condicionadas por esse sentido que é estranho à escrita em sua função

social, ao significado desse instrumento cultural chave no processo de aprender na escola.

Vemos, então, que as ações da professora em sala de aula durante o processo de alfabetização, com ou sem letramento, poderão definir como a criança vai se relacionar com a leitura e a escrita ao longo de sua vida. Este é um dos motivos pelos quais a professora ou o professor alfabetizador deve dominar os conceitos e estar bem preparado para trabalhar o sistema da escrita alfabética dentro da perspectiva do letramento.

No momento de ofertar textos para a turma, é fundamental disponibilizar diferentes gêneros textuais e textos que chamem a atenção da criança, que lhe desperte a curiosidade, a vontade de ler, assim como colocam as autoras Schlickmann e Schafaschek (2015, p. 16):

É papel da escola, do professor, planejar situações didático-pedagógicas que favoreçam a imersão das crianças/dos seus alunos na diversidade de leituras, as quais irão contribuir para o exercício de escrita, para a formação de leitores e produtores/autores de textos.

Dentro deste cenário, as professoras responderam qual critério utilizam para escolher os textos e os gêneros textuais para trabalhar com as crianças na fase inicial do processo de aquisição da escrita. A professora 1 deu a seguinte resposta:

Eu oferto todos os tipos, porque numa classe de alfabetização existem crianças nos cinco níveis da escrita. Mas bem no começo gosto de textos rítmicos ou já conhecidos, como canções e trava línguas. Nas escolas públicas o público ingressante é muito misto e diverso, desde crianças que já leem (exceções) até crianças que não reconhecem nenhuma letra, nem sequer vogal. Eu escolho um gênero que esteja de acordo com meu plano de aula e meu plano anual, seleciono primeiro as habilidades e objetivos a serem trabalhados para depois selecionar o gênero, por exemplo, posso usar um texto informativo em ciências, e uma música em português.

A professora 2 relatou que:

Primeiro os textos precisam ser apropriados a faixa etária dos alunos, alguns textos que trabalho fazem parte do cotidiano da vida da criança. Outros são introduzidos, mais sempre visto o sentido motivador e originalidade. Geralmente os gêneros textuais já são indicados em nosso currículo. Eles foram escolhidos com base na literatura predominante e considerada relevante para o país e o estado de Santa Catarina.

Em sua resposta, sobre a escolha dos textos, a professora 3 disse que “Começo com textos simples e vou adicionando outros mais complexos. Para o 1º ano sempre começo com leitura de imagens.” Quanto ao gênero textual, menciona que “Depende muito da Escola e

do tema a ser trabalhado. O que mais gosto de trabalhar é o Gênero Música e depois Receitas, Jornal e Fábulas.”

Segundo a professora 4:

Escolho textos que veem de encontro com os conteúdos que estou trabalhando no momento. Procuro trabalhar sempre com gêneros textuais dentro das histórias apresentadas para a turma. Então, escolho sempre a história e dela retiro o gênero textual para trabalhar.

A professora 5 informou:

Gosto de trabalhar de um modo interdisciplinar. Por exemplo, um texto selecionado para uma aula de Ciências também é utilizado em Língua Portuguesa. Nesses casos, seleciono o texto verificando o conteúdo do mesmo, bem como a linguagem e as palavras utilizadas. Para mim, o ideal é um texto com linguagem clara, mas com algumas palavras que ampliem o vocabulário das crianças, pois sempre que necessário procuramos o significado delas no dicionário. Minhas escolhas tem como base os tipos de gêneros textuais mais adequados às fases de escrita em que as crianças encontram-se e à turma (3º ano), mas também daqueles que despertam um maior interesse nelas. Por exemplo, se elas estão em uma fase de me enviar muitas cartinhas, trabalho o gênero textual carta pessoal. Se estão gostando de ler gibis, trabalho com histórias em quadrinhos.

As professoras alfabetizadoras argumentam o quanto buscam proporcionar textos de acordo com os conteúdos que estão trabalhando e de diferentes gêneros, conforme o que está previsto no currículo para cada ano e, outrossim, levando em conta os interesses apresentados pela turma. Textos rítmicos, como canções e trava-línguas costumam despertar interesse nas crianças, trazem ludicidade e dão ancoragem para práticas alfabetizadoras.

Trabalhar os textos de maneira interdisciplinar, relacionando diferentes disciplinas, auxilia a criança no processo de compreensão da função social que a leitura e a escrita tem, como podemos ver no trecho do relato da professora 5:

Gosto de trabalhar de um modo interdisciplinar. Por exemplo, um texto selecionado para uma aula de Ciências também é utilizado em Língua Portuguesa. Nesses casos, seleciono o texto verificando o conteúdo do mesmo, bem como a linguagem e as palavras utilizadas. Para mim, o ideal é um texto com linguagem clara, mas com algumas palavras que ampliem o vocabulário das crianças, pois sempre que necessário procuramos o significado delas no dicionário.

Ratificando a fala da professora, Mendonça (2007, p. 55) diz que:

É preciso ainda não esquecer que, se trabalhar com os gêneros é transbordar as fronteiras do lingüístico, a abordagem interdisciplinar será ainda mais necessária na sala de aula, e a aula de português deverá ser cada vez mais centrada em práticas

de letramento, em que a língua(gem) desempenha papel central, por meio dos gêneros.

Conforme a citação, ao trabalhar com a disciplina de Ciências, a professora traz um texto, que possui um gênero textual específico e a criança vai precisar utilizar as regras ortográficas que está aprendendo em Língua Portuguesa para discutir esse texto. A professora deve criar situações para explorar os gêneros textuais dentro das disciplinas de maneira interdisciplinar e, dessa forma, irá auxiliar a criança a distinguir as características dos diferentes gêneros e ainda usar a leitura e a escrita significativamente.

Ampliar o vocabulário por meio das leituras, fazendo com que a criança pesquise o significado de determinada palavra e reflita o sentido que ela faz no texto, é muito importante para sua autonomia na construção do conhecimento.

Outra questão realizada foi de que maneira as professoras propõem que as crianças leiam no início do ano letivo. Para essa questão, a professora 1 relatou: “Leio para elas, leitura global e coletiva (ex.: música do sapo não lava o pé), elas realizam leitura de imagens, e leitura, propriamente dita, por os que já leem, também repetição da primeira leitura, feita por mim.”

A professora 2 deu a seguinte resposta:

Não faço uma proposta. Mostro a elas como eu gosto de ler, uso os livros em sala de aula para que possam manusear. Para as crianças do primeiro ano eu contava histórias olhando as imagens, assim elas faziam o mesmo, com o avanço do processo de alfabetização, as crianças já liam pequenas histórias, placas cartazes e outros.

Em seu relato, a professora 3 fala que “As crianças chegam tímidas e algumas com medo de ler, sempre conto uma história para eles e depois mostro que não devemos ter medo, assim eles se empolgam e começam a participar.” A professora 4, igualmente, informou como procede para que as crianças façam suas primeiras tentativas de leitura: “Proponho ler textos, músicas, crachás e outros já apresentados e estudados pela turma.” A professora 5 relatou sua experiência com essa proposta:

Costumo falar muito sobre os sons das letras, questionando, por exemplo: o som da letra B e o som da letra A juntos, forma que som? Lembra da palavra barata, besouro, bolo...? Elaboro muitos textinhos (bilhetes, contos...) com palavras simples para que eles leiam em sala e em casa.

De acordo com o que vemos nos relatos, para introduzir a leitura para as crianças, as professoras indicaram que contam histórias e propõem que as crianças façam, inicialmente,

leituras de imagens, que ao longo dos dias vão sendo ampliadas até que comecem a ler os textos e histórias junto com a professora. A criança inicia com medo de errar, mas quando a professora a inspira, dando exemplo de como ler, é prazeroso e importante para a comunicação, a criança se sente empolgada e segura para iniciar suas tentativas. Morais discorre (2012, p. 119):

Sabemos que, antes mesmo de terem se apropriado do sistema alfabético, se as crianças têm a oportunidade de participar de práticas de leitura e de produção de textos, aprendem uma série de características dos gêneros textuais escritos (não só relativas à “estrutura” ou organização composicional dos mesmos, mas também sobre suas finalidades, usos sociais e esferas de circulação).

Então, a partir do momento em que a leitura é apresentada dentro de um contexto social, como uma contação de histórias, ela vai fazendo sentido para a criança. As autoras Zapelini, Schlickmann e Hubbe (2015) ainda enfatizam que, muitas vezes, a escola se dissocia do uso social da leitura e da escrita, apresentando para a criança textos fragmentados, que não possuem significado, coerência ou coesão e que estão fora do meio onde a criança vive, dessa forma, o único sentido de ler e escrever é cumprir uma ordem, ganhar uma nota, não há significado, a criança não consegue refletir sobre o motivo de escrever e ler. Segundo elas,

[...] partindo do pressuposto de que quando estudamos a maneira como as crianças se relacionam com o mundo e com a cultura, descobrimos que elas, ao aprenderem, evocam efeitos de sentido a partir dos contextos sociais, das condições sociais onde estão inseridos. Por isso, precisamos estar atentos aos sentidos que elas estabelecem ao lidarem com a linguagem e como se subjetivam durante esse processo. É preciso dar oportunidade para conhecerem a escrita enquanto elemento histórico e cultural. (ZAPELINI; SCHLICKMANN; HUBBE, 2015, p. 54).

Uma das dificuldades dos professores no processo de alfabetização é que a turma sempre será heterogênea, as crianças têm, cada uma, suas peculiaridades e um nível de conhecimento diferente sobre a leitura e a escrita, o que, em tese, deveria ser bom. Sabemos que aprendemos com os diferentes, mas isso ainda é um desafio. Para Morais (2012), o percurso para a apropriação do sistema de escrita alfabética varia entre os estudantes de uma mesma classe, inicialmente pelo fato de que eles já iniciam o ano letivo com diferentes níveis de conhecimento sobre a leitura e a escrita.

Considerando essas questões, as professoras foram questionadas sobre **como agem quando parte da turma não consegue se desenvolver e aprender no mesmo ritmo** que os demais. A professora 1 deu a seguinte resposta:

Eu auxilio pessoalmente, e coloco outras crianças a ajudar, eles sempre sentam de grupo, então, isso facilita qualquer proposta. E, trago também atividades especialmente para eles, mesmo que seja fácil para turma, para fazê-los se sentirem capazes e confiantes neles mesmo por realizar sem ajuda.

A professora 2 relatou:

O primeiro passo é investigar o porque, mudo as metodologias e se não surgir efeito busco auxilio da coordenação pedagógica da escola. Mais se ainda assim a criança não avançar procuramos traçar um plano de ação junto com a família da criança. E se for necessário orientamos a família a buscar atendimento de outros profissionais e associa-los a escola.

Já a resposta da professora 3 para a questão foi a seguinte: “Eu sempre tive uma preocupação muito grande com a alfabetização, as crianças com dificuldades sempre me preocupam e me fazem ir em busca de atividades diferenciadas e sempre levando-os a reforço extraclasse. Procuro de todas as formas ajudá-los.” A professora 4 foi mais sucinta em sua resposta, informando qual estratégia costuma utilizar: “Proponho na mesma atividade leitura e escrita diferenciadas mas do mesmo assunto.” Em sua resposta, a professora 5 relatou:

Busco auxiliar a todos em sala, vou de carteira em carteira a aula toda, ajudando cada um em suas particularidades. As vezes é frustrante não conseguir atender a todos e vou para casa pensando: ‘hoje não pude sentar com aquele aluno, amanhã vou dar uma atenção especial à ele’. Por isso gosto de deixar as carteiras organizadas em dupla. Escolho as duplas com níveis diferentes de aprendizagem, assim um ajuda ao outro. Quando percebo que uma criança não está conseguindo aprender, busco também a parceria com a família, elaborando atividades e jogos que eles possam realizar em casa para auxiliar a criança nesse processo. Já aconteceu de mesmo assim a criança não avançar na aprendizagem e eu, juntamente com a equipe pedagógica, fazer um encaminhamento para acompanhamento com alguns outros profissionais, por exemplo, psicopedagogos. Por isso acredito que é importante estar atenta e sempre registrar tudo, porque assim temos uma maior noção dos progressos da turma.

Percebemos que, com o intuito de minimizar este problema, as professoras utilizam algumas estratégias durante o processo de ensino-aprendizagem. Elas buscam dar atenção especial a cada criança, indo de carteira em carteira, procurando tirar dúvidas individualmente, muitas vezes, não conseguem atender a todas em um mesmo dia, mas se organizam para que todas sejam atendidas particularmente.

Outra maneira que encontram para sanar as dificuldades de algumas crianças, que ainda estão em uma fase menos adiantada da apropriação da escrita e da leitura, é organizar a sala em duplas e grupos com níveis de conhecimento diferentes, conforme disseram as professoras 1 e 5, para que as crianças se auxiliem entre si, refletindo sobre o que está sendo estudado. Conforme a declaração da professora 1, ao propor exercícios que todos consigam fazer, mesmo

que para alguns não seja desafiador, ela aumenta a confiança daqueles que ainda possuem uma maior dificuldade, oportunizando que a realização do exercício traga um sentimento prazeroso para todos e assim os instigue a aprender ainda mais.

A ajuda de outros profissionais e da família também é essencial quando a criança não aprende, pois, muitas vezes, ela pode ter algum transtorno que torna a aprendizagem muito mais difícil. Cabe à professora investigar o motivo pelo qual a criança tem a dificuldade e conversar com a família para propor a solução. A participação deles é fundamental para a qualidade da educação escolar, afinal, conforme o Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense “Considera-se a família mobilizadora de educação e de mediação do desenvolvimento infantil, sendo um agente socializador, responsável por zelar, em parceria com as instituições de ensino, pela formação integral da criança.” (SANTA CATARINA, 2019, p. 105).

Nesse sentido, podemos dizer que trabalhar alfabetização e letramento juntos é algo que auxilia a criança a internalizar os conhecimentos, pois ela compreende o assunto e o motivo de aprender, contribuindo com seu desenvolvimento e aprendizagem. Sendo assim, foi feito o questionamento às professoras se elas costumam **propor atividades em que há distinção entre exercícios voltados para a alfabetização e outros para o letramento**. A professora 1 relatou:

Eu não consigo separar, eles acontecem simultaneamente. Por exemplo, se cantamos a canção do sapo (letramento), lemos o texto no quadro da mesma canção (letramento e alfabetização), fixamos e selecionamos a palavra sapo (alfabetização), posso trabalhar a família silábica do S ou do P (alfabetização). A alfabetização e o letramento andam sempre juntos.

Ao ser questionada, a professora 2 deu exemplos de exercícios que costuma propor para a turma, onde alguns são voltados mais para a parte sistêmica de alfabetizar e outros para o letramento:

Exemplo de atividades: letramento (criar um cartão para entregar a mãe em seu dia, falando a ela o que sente). Alfabetização (ligue as sílabas, escreva e leia a palavra, BA-LA). Porém tento dar essas atividades contextualizadas, se vou trabalhar o cartão do dia das mães, realizo a formação das palavras em conjunto com as crianças em cada dúvida na hora de escrever o cartão, as crianças falam a palavra ou o som que querem escrever e descobrimos juntos que letras ou sílabas vamos usar.

A resposta da professora 3 foi a seguinte: “Procuro sempre fazer adaptações para que todos os componentes sejam trabalhados e quando não entendido, vou em busca de novas atividades.” Em sua resposta, a professora 4 relatou: “Não há distinção. Organizo as

atividades para trabalhar em conjunto. Elaboro atividades com textos diversificados, trazendo muitas informações e a partir destes textos é que vamos para a alfabetização propriamente dita.” Sobre sua maneira de propor os exercícios, a professora 5 contou:

Costumo trabalhar o letramento em todas as atividades, não fazendo distinção entre alfabetização e letramento, pois acredito que ambos estão entrelaçados. Na escrita de uma carta para um amigo, por exemplo, as crianças estão exercendo a função social, mas ao mesmo tempo em processo de alfabetização, pois eu acompanho a escrita refletindo com eles a escrita correta de algumas palavras, corrigindo quando necessário.

Durante o processo de aprendizagem, as professoras informaram que costumam propor atividades onde a alfabetização e o letramento sejam contemplados simultaneamente e, dessa maneira, a criança se apropria das regras ortográficas enquanto compreende o motivo de aprender. Segundo Oñativia (2009, p. 24),

[...] quem já adquiriu o dito código – no caso, o professor alfabetizador- deverá intervir nesse processo, possibilitando que o aluno se aproprie do código, refletindo, criando hipóteses, errando, refazendo e entrando em conflito para se sentir impulsionado em busca de uma solução.

Sendo assim, alfabetização e letramento devem andar de mãos dadas para que o processo de aprendizagem seja efetivo. A professora alfabetizadora tem a responsabilidade de colocar esse aprendizado em prática, para isso, necessita ter bem claro uma opinião a respeito da importância do letramento, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, durante o ciclo alfabetizador.

Sobre a **relevância de o letramento ser trabalhado em conjunto com a alfabetização na vida das crianças, principalmente durante esse ciclo inicial da apropriação dos conhecimentos**, as respostas das professoras foram semelhantes. A professora 1 afirmou que o letramento serve para “Dar sentido para aprendizagem. Porque aprender? Para que aprender? No que vou usar isso? Sem contar que o letramento auxilia imensamente na alfabetização, pois estamos numa **sociedade grafocêntrica**.” Em sua resposta, a professora 2 diz que “Trabalhar o letramento e a alfabetização juntos é fundamental, pois contextualizando sua leitura e escrita, a criança vai ter motivos (motivação) para continuar aprendendo.” A professora 3 enfatiza a importância da escola na vida da criança:

Toda criança precisa saber que é capaz de pensar, criar e se desenvolver e muitas vezes em casa os pais não a incentiva para isso e é na escola, com um professor

que esteja preparado e com vontade de ensiná-la, que esta se sentirá forte e com vontade de querer se desenvolver intelectualmente.

Sobre essa questão, a professora 4 enfatiza que é “Muito importante desenvolver ações significativas de aprendizagem, vejo que ao propor em sala de aula uma diversidade textual que possibilite às crianças refletirem sobre a importância da leitura e escrita, contribui para a alfabetização e ambas caminham juntas.”

Em sua resposta, a professora 5 destaca:

Acredito que se a escrita torna-se um mero treino, a aprendizagem fica mecânica e chata. A criança se encanta ao poder se comunicar com a escrita (escrever uma carta, um bilhete, ler uma informação). Se não há a interpretação de texto e o uso social da escrita nos primeiros anos do Ensino Fundamental, posteriormente a criança vai ter dificuldade em ler, interpretar, escrever, argumentar, porque para ela esse será um processo mecanizado.

Mediante o exposto, podemos verificar que há diversas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita em seu contexto social, sendo um dos motivos pelos quais muitas crianças já entram no seu primeiro ano do ciclo alfabetizador com algum grau de letramento. Em suas respostas, as professoras afirmaram que é determinante contextualizar os momentos de leitura e de escrita. Ao desenvolver situações significativas de aprendizagem, a criança reflete sobre a importância de ler e escrever e isso contribui para sua alfabetização, com isso, deixa de ser uma aprendizagem mecanizada, assim como cita a professora 5, e passa a ser algo que a criança sente necessidade de aprender para fazer uso socialmente. Sem o letramento, a criança é apenas obrigada a aprender regras para concluir um ciclo escolar. Afinal, conforme assegura Mendonça (2007, p. 46),

Um dos princípios que norteiam a perspectiva do letramento é que a aquisição da escrita não se dá desvinculada das práticas sociais em que se inscreve: ninguém lê ou escreve no vazio, sem propósitos comunicativos, sem interlocutores, descolado de uma situação de interação; as pessoas escrevem, lêem e/ou interagem por meio da escrita, guiadas por propósitos interacionais, desejando alcançar algum objetivo, inseridas em situações de comunicação.

Da mesma maneira, o letramento sem a alfabetização não faz sentido. A nossa língua é feita com regras e normas que precisam ser dominadas para que o sujeito possa escrever algo e ser compreendido pelo outro, ou mesmo para entender algo que alguém escreveu. Ambos se completam, unem-se para que a criança se torne um cidadão que saiba se comunicar de maneira

adequada, visando exercer seu papel na sociedade, o que, a nosso ver, as professoras aqui pesquisadas têm conseguido cumprir no seu fazer pedagógico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa foi apresentado ao leitor reflexões/análise de uma investigação realizada com professoras da rede pública do município de Tubarão e região, a fim de entender como acontece em sala de aula o processo de ensino-aprendizagem no processo de alfabetização e letramento.

Esta pesquisa passou por adaptações. A intenção inicial era estar na sala de aula, conversar com as crianças, que são os protagonistas do processo de aprendizagem, mas isso não foi possível em função da pandemia (Covid-19), devido ao atendimento apenas on-line nas escolas por conta do Coronavírus, que nos pegou de surpresa. Porém, com o auxílio de algumas professoras que, generosamente, aceitaram dividir seus conhecimentos, experiências e opiniões, conseguimos manter o objetivo inicial e desenvolver a reflexão/análise acerca do modo como se materializam os conceitos de alfabetização e letramento, entre teoria e prática no processo inicial de alfabetização, em escolas da rede pública e se as concepções presentes na PCSC e CBTC são implementadas no contexto da sala de aula.

Após a realização destes estudos, podemos dizer que o processo de alfabetização e letramento são indissociáveis, precisam ser trabalhados durante todo o processo de aprendizagem do ciclo alfabetizador, de maneira interdisciplinar, pois mesmo quando uma criança está aprendendo sobre o solo em geografia, ela precisa ler e escrever. Compete ao professor estabelecer essa ligação entre os conceitos, apresentar a diversidade de gêneros que usamos para ler e escrever, que são fundamentais para nos comunicarmos nas mais diversas situações, seja para obter um conhecimento científico ou conversar com um amigo por carta, por exemplo.

Pedagogas e pedagogos precisam estar preparados para encontrar uma turma no início do ano letivo, que terá diferentes níveis de conhecimento, diferentes culturas em casa, diferentes gostos e jeitos. Após o diagnóstico, é preciso levar em conta tanto a fase inicial da aquisição da escrita e da leitura, quanto o que agrada cada um do grupo, para planejar momentos prazerosos, que irão propiciar e ampliar seus saberes, sempre respeitando o ritmo de cada criança e atento caso alguma necessite de uma ajuda especial.

Ensinar a ler e escrever e a entender o porquê ler e escrever é um processo árduo, incansável, contínuo, que leva tempo e muito esforço. É preciso refletir, buscar sempre mais

informações, planejar, avaliar, auto avaliar-se e não desistir, pois é algo crucial na vida das crianças, que estão dependendo desse conhecimento para os próximos anos de sua vida.

A principal questão que levou ao início desta pesquisa foi saber se a alfabetização está acontecendo na perspectiva do letramento, se a criança tem a oportunidade de aprender não só a parte sistêmica da ortografia, mas se está compreendendo o porquê e para que aprender. Por meio das narrativas das professoras, percebemos que o processo de alfabetização e letramento caminham atrelados em suas salas de aula, as suas proposições buscam despertar na criança paixão por ler, confiança para escrever sem medo de fazer suas hipóteses de escrita, trazendo textos e temáticas que estejam ligadas ao cotidiano da criança e levando em conta seus interesses.

As professoras passaram diferentes visões a respeito dos métodos que utilizam, mas o que se percebe é que há, em comum, a intenção de usar metodologias que tragam significado ao processo de aprendizagem. Elas têm consciência de que seu papel é fundamental na vida das crianças e o cumprem, buscando ajudar toda a turma com seu processo de ensino e aprendizagem, trazendo a alfabetização e o letramento concomitantemente às outras aprendizagens e de modo interdisciplinar.

Observamos, por meio da análise, que as professoras utilizam materiais lúdicos, como histórias e músicas, pois entendem que, utilizando gêneros discursivos diversos, conseguem ensinar alfabetização e letramento de um jeito mais leve, assim, as crianças acabam se apaixonando pela leitura e despertam nelas a vontade de ler e escrever. Essa vontade é essencial para que a aprendizagem seja efetivada.

Este estudo não finda aqui, afinal, cada criança aprende de um jeito e a professora precisa estar sempre aprendendo com elas. Usando palavras de outras pessoas em constante aprendizado “Entendemos que a formação docente passa por essas reflexões e o professor, para desenvolver seu trabalho pedagógico, precisa saber e vivenciar os conhecimentos de forma a obter bases sólidas para construir o edifício da docência em terreno firme.” (SCHLICKMANN; SCHAFASCHEK, 2015, p. 10).

Por fim, concluímos que os objetivos da pesquisa foram alcançados. Levando em conta que cada criança aprende de uma maneira, o crucial é que o professor inicie o ano letivo se apropriando dos conceitos e conteúdos que são fundamentais para que haja a aprendizagem. Necessário, também, que esteja sempre pronto para ouvir o que a criança tem a dizer e que se dedique a planejar momentos que propiciem um aprendizado amplo, lúdico, que traga significados para o processo ensino-aprendizagem da linguagem escrita e que o faça

interdisciplinarmente, de modo que as crianças possam vivenciar os conhecimentos elaborados em seu cotidiano, que se encantem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 mai. 2020.

CABRAL, Leonor Scliar. **Guia prático de alfabetização, baseado em princípios do sistema alfabético do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.

KRAMER, Sônia; NUNES, Maria Fernanda R.; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 69-85, jan./ abr. 2011.

MELLO, Suely Amaral. Ensinar e aprender a linguagem escrita na perspectiva histórico – cultural. **Psicologia Política**, v. 10, n. 20, p. 329-343, jul./ dez. 2010.

MENDONÇA, Márcia. Gêneros: por onde anda o letramento? *In*: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1.ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, Oficina universitária, 2012.

OÑATIVIA, Ana Cecília. **Alfabetização em três propostas: da teoria à prática**. São Paulo: Ática, 2009.

SANTA CATARINA. **Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense**. Secretaria do Estado da Educação, 2019.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica**. Secretaria do Estado da Educação, 2014, 2019.

SCHLICKMANN, Maria Sirlene Pereira; SCHAFASCHEK, Rosicler. **O texto na alfabetização e no letramento: livro didático**. Palhoça: Unisul Virtual, 2015.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, 2004a.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZAPELINI, Clésia da Silva Mendes; SCHLICKMANN, Maria Sirlene Pereira; HUBBE, Rosandra Schlickmann Sachetti. **Língua e suas variações**: livro didático. Palhoça: Unisul Virtual, 2015.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1. De que maneira a leitura e a escrita foram apresentadas para as crianças no início do ano letivo?
2. O que você compreende por letramento?
3. Qual sua compreensão sobre alfabetização?
4. Como você trabalha com as crianças a relação grafema-fonema ou letra-som? Pode nos contar citando algum exemplo?
5. Como seus estudantes aprendem a ler e escrever? Poderia nos contar?
6. Qual seu critério para escolher textos para as crianças lerem?
7. Qual seu critério para escolher o gênero textual a ser trabalhado?
8. Como você propõe para as crianças lerem no início do processo de alfabetização?
9. Sabemos que cada criança aprende no seu tempo. Assim, qual a sua ação como professora alfabetizadora, em sala de aula, quando uma parte da turma (ou algumas crianças) não conseguem aprender ou não se desenvolveram no ritmo da turma?
10. Nas atividades propostas, você costuma trabalhar o letramento? Há distinção em exercícios voltados para a alfabetização e outros para o letramento? Como você organiza essas atividades? Pode nos relatar e citar um exemplo?
11. Na sua compreensão, qual a importância de trabalhar o letramento nos primeiros anos do ensino fundamental junto com a alfabetização?
12. Você tem exemplos de produções textuais das crianças? Pode nos enviar algumas digitalizadas ou fotografadas de modo legível? (Textos produzidos a partir das aulas).